

Mauren Lúcia Tezzari  
Mayara Costa da Silva  
Cláudia Rodrigues de Freitas  
Claudio Roberto Baptista  
Organizadores

Docência e inclusão escolar: percursos de  
formação e de pesquisa

Abpee  
Marília  
2020

**abpee**  
Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial

# EDUCAÇÃO ESPECIAL, PESQUISA E AÇÃO DOCENTE: INTRODUZINDO DIÁLOGOS

Claudio Roberto Baptista<sup>1</sup>

Mayara Costa da Silva<sup>2</sup>

Mauren Lúcia Tezzari<sup>3</sup>

Cláudia Rodrigues de Freitas<sup>4</sup>

A Educação Brasileira se mostra como uma área de imensos desafios, quando consideramos os objetivos traçados por planos que constituem a política educacional do Estado brasileiro. A garantia de acesso pleno à educação formal tem avançado nas últimas décadas, mas convivemos com problemas não superados que demandam um grande esforço da sociedade e, principalmente, dos gestores públicos: limitações no acesso à escolarização, grandes diferenças regionais associadas à qualidade dos serviços, inconsistências na formação docente, descontinuidades de proposições que visam à melhoria da educação, lacunas relativas à intersectorialidade necessária para a ação da escola e tantos outros desafios.

Nesse cenário, a Educação Especial é uma área que é permeada por todas essas urgências, mas que tem mostrado avanços no sentido de intensificação de uma política pública que indica a inclusão escolar como a diretriz de ação do Estado, principalmente no período posterior a 2003, com o início de um ciclo associado ao governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PLETSH; OLIVEIRA, 2014). Os desdobramentos dessas

---

1 Doutor em Educação pela Università degli Studi di Bologna. Professor na área de Educação Especial, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Professora de Educação Especial no Colégio de Aplicação (CAp/UFRGS).

3 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Coordenadora do Centro de Documentação Têxtil Inclusive/NEPIE/UFRGS

4 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do mesmo Programa.

diretrizes indicam que houve um aumento significativo de matrículas de alunos com deficiência no ensino comum, com índices de aproximadamente 90% do total dos alunos com esse diagnóstico, além de uma expansão de serviços de apoio dirigidos às escolas regulares. Além das alterações no plano normativo que assegura a inclusão escolar a todos os alunos, como o Decreto n. 6949/2009 (BRASIL, 2009), houve grandes mudanças relativas às matrículas em apenas duas décadas. Nesse sentido, os estudos mostram que a formação de professores tem permanecido com um dos pontos frágeis desse processo, seja aquela inicial ou a formação continuada (BAPTISTA, 2019).

Os desafios que unem a busca de formação e a instituição de novas práticas exigem respostas sistêmicas que resultam de uma multiplicidade de programas de ação. Trata-se de iniciativas que devem construir o “novo” a partir de uma rede existente, a qual deve se qualificar. Nesse sentido, a pesquisa tem um papel de extrema relevância ao buscar alternativas e orientar dinâmicas consistentes de avaliação processual. Um dos programas que pode ser considerado de amplo espectro na busca de respostas que envolvem as temáticas formação, ação docente e avaliação processual é o Programa Observatório da Educação<sup>5</sup>.

O Programa Observatório da Educação foi resultado da parceria entre a Capes, o INEP e a SECADI, instituído pelo Decreto Presidencial n. 5.803/2006, (BRASIL, 2006) com o objetivo de fomentar estudos e pesquisas em educação, que utilizem a infraestrutura disponível das Instituições de Educação Superior – IES e as bases de dados existentes no INEP. De acordo com suas metas, esse programa deveria favorecer a articulação entre pós-graduação, licenciaturas e escolas de Educação Básica e estimular a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado.

De acordo com Silva (2015), uma iniciativa como o Programa Observatório da Educação passa a considerar os professores atuantes em escolas de Educação Básica como pesquisadores de sua própria prática, oferecendo a possibilidade de que estes docentes passem a perceber-se como atores principais na construção de um processo formativo derivado da sua experiência.

5 Observatório da Educação: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programas-encerrados/observatorio-da-educacao>

Hanita e Nakayama (2019) apresentam uma análise sobre os 10 anos de existência desse programa ministerial, discutindo os efeitos para a formação docente e sua relação com a pesquisa. Essas autoras não mostram como o programa propiciou, por meio de cinco editais, a ampliação do número de instituições contempladas.

De acordo com dados apresentados no Relatório da Diretoria de Educação Básica (BRASIL, 2013), referentes ao ano de 2013, havia um total de 176 projetos aprovados pelo Programa Observatório da Educação em andamento, os quais envolviam 94 instituições de ensino superior e 2.846 bolsas, das quais 977 eram destinadas aos professores de Educação Básica.

O objetivo da presente coletânea é apresentar reflexões associadas a um dos projetos desse programa desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação Especial, Saúde e Processos Inclusivos, no Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar (NEPIE)<sup>6</sup>. Em modo particular, analisaremos produções que, no âmbito do projeto, estiveram diretamente associadas aos participantes professores da Educação Básica.

## **Pesquisa e formação docente em educação especial na UFRGS**

Segundo Gregory Bateson (1996), uma conversa tem contornos, os quais só poderemos ver após a conversa ter acabado. Desta forma, assumir a apresentação de um percurso já finalizado pressupõe a análise de contornos já bem definidos. De toda a forma, os contornos desta conversa são porosos, caracterizados pela instabilidade e complexidade à priori e muito mais definidos pelas lentes de quem faz a leitura. Desta maneira, faz-se o início pela “conversa”. O percurso do Grupo de Práticas pautou-se, de forma prioritária, no diálogo, na troca e na construção coletiva de um processo que se fez durante o percurso.

O Grupo de Práticas tem origem no ano de 2013, a partir da aprovação do projeto “Políticas de inclusão escolar: o atendimento educacional especializado em municípios do Rio Grande do Sul” no

---

6 [www.nepie.ufrgs.br](http://www.nepie.ufrgs.br)

âmbito do Programa Observatório da Educação – OBEDUC.<sup>7</sup> Trata-se, portanto, de um grupo com atribuições específicas, vinculado ao grupo de pesquisa mais amplo.

O Grupo de Práticas constituiu-se, prioritariamente por professores de Educação Básica que, como bolsistas do programa, assumiam a função de desenvolver um plano de ação inovador, a partir da temática do projeto aprovado, nas escolas em que atuavam como docentes, supervisores ou coordenadores. No entanto, o grupo também contou com a participação de pesquisadores, pós-graduandos e bolsistas de iniciação científica interessados na discussão que envolvia as práticas pedagógicas e os contextos inclusivos.

O desenvolvimento de planos de ação pautou-se em três conceitos considerados norteadores para o Grupo de Práticas, os quais: necessidade, cotidiano e inovação. Os conceitos foram exaustivamente discutidos e pensados a partir de referenciais teóricos específicos definidos pelo coletivo. Assim, a tríade balizou a constituição dos planos e as práticas que se desenvolviam a partir dos mesmos.

O grupo reunia-se semanalmente com o objetivo de apresentar, planejar, retomar, ou discutir as ações em andamento. Percebe-se que a dinâmica de apresentação e discussão acerca dos planos de ação, constituiu um movimento de acompanhamento dos planos, o que favoreceu uma construção coletiva, tornando o grupo uma espécie de dispositivo de apoio para os professores participantes (SILVA, 2015).

A presente coletânea apresenta um conjunto de reflexões que envolvem os percursos de diferentes integrantes desse grupo, além de trazer reflexões de pesquisadores que foram parceiros do projeto ao longo dos anos de sua realização.

O texto de Mauren Lúcia Tezzari, Mayara Costa da Silva e Claudio Roberto Baptista, intitulado “Isso me lembra uma história: conhecimento e processos de inclusão escolar construídos no coletivo”, teve como objetivo principal “contar a história” da constituição do Grupo de Práticas a partir da análise das dinâmicas que se instituíram

---

7 O grupo se constitui no âmbito do NEPIE – Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar, coordenado pelo Professor Claudio Roberto Baptista

como organizativas no âmbito do coletivo. Os autores basearam-se nas premissas que orientam o pensamento sistêmico, prioritariamente a partir das ideias Humberto Maturana com vistas a traçar um panorama que oferece destaque para uma rede formativa que se constitui a partir do conceito de “comunidade de práticas” e que se estabelece a partir dos seguintes princípios norteadores: inseparabilidade entre viver e conhecer; dinamicidade e movimento como organizadoras das dinâmicas do grupo; e um compromisso com “o compromisso que se assume”.

Mauren Lúcia Tezzari, no texto “De atas à documentação pedagógica: a potência formadora/transformadora dessa prática pedagógica no grupo de práticas”, teve como objetivo principal refletir acerca da documentação pedagógica a partir da trajetória constituída pelo Grupo de Práticas. Para tanto, baseou-se, de forma prioritária, nos registros construídos pelo coletivo em questão. Diante disso, aponta para o movimento formativo que se desenha a partir da constituição e retomada de tais espaços de registro, oferecendo destaque para a possibilidade autoformação. A autora sublinha um processo formativo que ocorre, de forma prioritária, a partir do compartilhamento de ações no coletivo e em um movimento de retroalimentação.

O texto “Professores de Educação Especial e cuidadores: atravessamentos nas políticas de formação continuada”, de Alexandro Braga Vieira, Clayde Aparecida Belo da Silva Mariano e Conceição Aparecida Corrêa Martins, aborda a centralidade que a formação docente vinculada à Educação Especial assume nas pesquisas e normativas para a área. Em contrapartida, esboçam uma crítica, tomando como base o contexto específico de um município do Espírito Santo, acerca do quanto os “cuidadores”, profissionais que não possuem a qualificação específica, têm assumido um protagonismo no trabalho pedagógico desenvolvido no cotidiano junto a alunos do público-alvo da Educação Especial e o quanto esse movimento tem efeitos sobre os percursos formativos ofertados pela rede – voltando-os para os “cuidadores”.

Tásia Fernanda Wisch compartilha com os leitores reflexões derivadas de uma investigação envolvendo ações sobre processos inclusivos desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - CAP/UFRGS. No texto “A escola como lugar de formação

de estudantes de licenciaturas a partir de práticas pedagógicas voltadas aos processos inclusivos” a autora mostra que tais ações evidenciam sua importância diante da possibilidade de construir espaços formativos qualificadores da formação docente de acadêmicos das licenciaturas. Com a metodologia da pesquisa-ação, realizaram-se diferentes espaços de reflexão e práticas, de forma que os estudantes em formação experimentassem distintos olhares a respeito de processos inclusivos na Educação Básica, envolvendo temáticas diversas e a construção conjunta e colaborativa de soluções e estratégias práticas para os problemas percebidos no cotidiano da escola.

Joseane Frassoni dos Santos em seu artigo “Formação continuada para professores da educação infantil na rede privada de Porto Alegre: a educação especial em debate” analisa o desenvolvimento de grupo de formação continuada para professores da Educação Infantil tendo como eixo temático a Educação Especial e os processos de inclusão escolar. A autora reconhece a formação continuada como um espaço de reflexão da prática pedagógica e como forma de construção de conhecimento, considerando que a possibilidade de dialogar, trocar experiências com os pares, permitiu às professoras um maior entendimento sobre os processos inclusivos, de modo a desmistificar alguns tabus sobre a inclusão de crianças com deficiência no sistema regular de ensino.

Juliana Silveira Mörschbacher, Renata Maria da Rosa Pereira e Sílvia Neri Martins no artigo intitulado “Ponto de Encontro: uma experiência na formação docente” analisam o trabalho colaborativo estabelecido entre a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), o serviço de Orientação Escolar (SOE) e a Supervisão Escolar (SSE) de uma escola Municipal na cidade de Porto Alegre (RS). As autoras fazem destaque a uma pesquisa desenvolvida com um grupo de professoras da escola organizado a partir de um convite coletivo e a inserção por aproximação e desejo individual. O grupo, Ponto de Encontro, aconteceu durante um ano com base em reuniões regulares permitindo identificar efeitos de responsabilização pelo trabalho docente pelos participantes.

O capítulo “Caminhos pedagógicos em jogo: por uma escola capaz de ‘aprender a aprender’ sua natureza inclusiva”, escrito por Clarissa Haas, tem como temática central a prática pedagógica para os processos escolares inclusivos, considerando o papel do Atendimento Educacional

Especializado (AEE) e os distintos profissionais da Educação que atuam na escola básica para articulação do sistema escolar inclusivo. Apresenta a instigante estrutura de um jogo de perguntas e respostas, onde cada questão propõe uma tomada de decisão pedagógica entre dois caminhos que parecem antagônicos e, ao mesmo tempo, complementares, evidenciando que os caminhos pedagógicos são plurais e não excludentes. A autora pretende que seu texto se constitua como um caminho de intersecção entre os polos teoria e prática pela via da elaboração metodológica de maneira a garantir o trabalho pedagógico compartilhado entre os profissionais da equipe pedagógica, professora do AEE e professores das áreas curriculares.

O texto de Cláudia Rodrigues de Freitas e Sheyla Wener Freitas, “Escola e o tempo de inventar-se: a atenção ao aluno como bússola do fazer pedagógico”, nos apresenta a construção de uma tessitura com a invenção de uma escola *atenciosa*, cujo desafio é produzir práticas acolhedoras e que atendam a todos os alunos. As autoras apresentam recortes de situações vividas em diferentes salas de aulas com possibilidades de desdobramentos diferentes, levando os leitores a refletirem a respeito de uma prática pedagógica que desenhe um currículo oportuno e sintônico com os modos de avaliar, que proponha práticas que levem em consideração seus alunos, em uma estrutura que favoreça múltiplos modos de aprender e de se expressar, valorizando a diversidade.

Denise Meyrelles de Jesus e Ariadna Pereira Siqueira Effgen, no texto “A sala de aula regular: práticas pedagógicas em uma perspectiva inclusiva”, têm como objetivo discutir as práticas pedagógicas inclusivas, com foco na defesa do direito de todos terem acesso ao “aprender”. Pautadas nas ideias pedagógicas de Philippe Meirieu acerca das práticas diferenciadas, apresentam o relato de uma cena pedagógica que reflete uma ação docente pautada na heterogeneidade e no compromisso com o processo de aprendizagem de todos os alunos. As autoras reafirmam a importância do papel do professor no que concerne à construção do conhecimento por parte do aluno, tendo em vista que cabe a este profissional a responsabilidade sobre a mediação deste processo, de forma a torná-lo significativo.

A discussão proposta por Gilvane Belem Correia baseia-se em um trabalho realizado no âmbito do Projeto de extensão, “Comunidades

de Aprendizagem no Pampa”, desenvolvido pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Campus São Borja junto a uma escola da Rede Estadual do Rio Grande do Sul, no mesmo município. O texto “Educação Especial e escola de tempo integral: o currículo e a perspectiva de expansão das oportunidades de aprendizagem para estudantes com deficiência” apresenta um projeto que teve por objetivo principal contribuir com o desenvolvimento da inclusão educacional de pessoas com deficiência na Educação Básica e com a promoção da cultura da paz no cotidiano escolar. Tem a cooperação como princípio organizador, em relação ao processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, à formação de professores e ao intercâmbio universidade-escola. A metodologia utilizada pela autora foi a pesquisa-ação colaborativa, possibilitando-lhe atuar no contexto de pesquisa como um dos atores envolvidos no processo educativo.

Lígia Maria Nogueira Oliveira e Kátia Regina Moreno Caiado abordam, em seu texto “Competência técnica e compromisso político do professor de sala de recursos: implicação na escolarização dos alunos com baixa visão”, o papel do professor de sala recursos no que concerne o trabalho pedagógico junto aos alunos com baixa-visão. As autoras apresentam um relato de pesquisa envolvendo o acompanhamento do trabalho de uma professora responsável pelo atendimento educacional especializado em uma sala de recursos para alunos com baixa visão em uma escola da Rede Estadual de São Paulo. Nesse sentido, destacam a importância do saber técnico por parte da professora no que concerne ao campo específico e as ações que levam em consideração as singularidades de cada aluno, com vistas a definir quais os recursos ou adaptações são necessárias para o trabalho pedagógico.

Mayara Costa da Silva, Ana Paula Ribeiro de Souza e Anié Coutinho de Oliveira, no texto “Fazendo arte no atelier: modos de ser e estar de um aluno com autismo”, nos apresentam um estudo baseado no desenvolvimento do projeto intitulado “Atelier Viajante”, que aconteceu com turmas de jardim em uma escola de Educação Infantil da rede pública de ensino, no município de Porto Alegre. Tomaram como inspiração central os ateliers de arte de *Reggio Emilia* e tiveram como principal objetivo possibilitar que as crianças fizessem arte em um modo que valorizasse a autonomia no seu próprio processo de criação, estando as autoras pautadas

na premissa prioritária de que o trabalho artístico é importante para que as crianças aprendam a explorar o mundo à sua volta. A presença de um aluno com autismo em uma das turmas foi fator que desencadeou um trabalho que envolveu e beneficiou a todas as crianças, com participação e interação de todos com todos, durante todo o tempo.

A partir da apresentação das motivações geradoras do conjunto de experiências analisadas nesta composição de textos, procuramos favorecer o diálogo entre a pesquisa e a prática pedagógica e anunciar pistas do aprofundamento proposto por cada um dos textos. Convidamos o leitor a nos acompanhar no conhecimento de reflexões específicas de cada capítulo. Nossa aposta é que a rede oportunizada pelo programa gerador e pelo projeto ora apresentado possa ser ampliada pelas reflexões de cada leitor e pelo ato gerador de novas experiências.

## **Referências**

BAPTISTA, Claudio Roberto. Política pública, Educação Especial e escolarização no Brasil. **Educação e Pesquisa**, 45, e217423, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945217423>.

BATESON, Gregory. **Metadialogos**. Lisboa, Portugal: Gradiva, 1996.

BRASIL. **Decreto 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. CAPES. Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica – DEB. **Relatório de Gestão** – Observatório da Educação. Brasília, DF, 2013, p.118.

BRASIL. **Decreto 5.803**, de 08 de junho de 2006. Dispõe sobre o Observatório da Educação e dá outras providências. Brasília, DF, 2006.

HANITA, Marília Yuka; NAKAYAMA, Bárbara Sicardi. Programa Observatório da Educação (OBEDUC) e desenvolvimento profissional docente. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, v. 8, n. 15, p. 216-238, 2019.

PLETSH, Márcia Denise; OLIVEIRA, Mariana Corrêa Pitanga. Políticas de Educação Inclusiva: considerações sobre a avaliação da aprendizagem de alunos com deficiência intelectual. **Revista Educação, Artes e Inclusão**. v. 10, n. 2, p.125-137, 2014.

SILVA, Mayara Costa da. **Formação continuada e educação especial:** a experiência como constitutiva do formar-se. 2015. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.

[Voltar para o sumário](#)